



Azita,

uma história de amor

O que você faria pela liberdade política ou religiosa?

POR AZITA SHAFAGHAT,
segundo entrevista dada a SUSAN MCCLELLAND

Eu me chamo Azita. Estou numa floresta densa no nordeste da Grécia, perto da fronteira turca. Passei o dia na chuva, escondida debaixo das folhas. Meu corpo treme com calafrios. Mas não ligo. Pela manhã, verei meu pai, minha mãe e minha irmã caçula pela primeira vez em seis anos. Estão em Atenas, seguros. Pagaram a um contrabandista 6 mil euros – o último dinheiro que tinham – para que nos tirasse, a mim e ao meu marido, Siavash, do Irã.

Nós dois fazemos parte de um grupo de dez refugiados. Antes, o contrabandista nos disse que Atenas não ficava muito longe. Disse também que tínhamos de permanecer escondidos na floresta até que ele nos desse o sinal verde. Depois, nos deixou sozinhos no escuro.

Uma van se aproxima. Desacelera e depois para na estrada, poucos metros à minha frente. Meu coração dispara e

me pergunto: *Serão os homens que foram pagos para nos levar a Atenas?*

Não, não são. Quando me encontram, um deles me chuta o joelho com tanta força que caio no chão. O outro me pega e me joga como se eu fosse uma bola. Ele grita que é da polícia de fronteira grega e que estou presa. Empurraram-me com os nove outros que prenderam e nos enfiaram na van.

Eu tinha 26 anos naquela noite de junho de 2006. Siavash e eu fugíamos das autoridades iranianas havia seis anos. Ainda assim, tenho muitas lembranças boas da minha infância no Irã: sentada no colo do meu pai quando pequena, ouvindo-o contar histórias, ajudando minha mãe a cozinhar...

Antigamente, minha família vivia bem. Meu pai e Ahad, irmão dele e pai

de Siavash, ocupavam cargos no governo. Mas, depois que derrubaram o xá, o monarca do Irã, meu pai perdeu o emprego e nos mudamos da grande casa em Teerã para outra, pequena, em Karaj, perto da capital.

Então, no início da década de 1980, Ahad morreu, deixando Siavash órfão. Minha família o criou como filho. Até os 12 anos, mais ou menos, eu achava que Siavash era meu irmão.

Em Karaj, meu pai trabalhava como fotógrafo. Também protestava contra o regime. Em consequência, foi preso em 1989. Nessa época, me apeguei ao meu “irmão” Siavash. Eu o admirava. Ele era emocionalmente forte e confiante. Certa vez, na escola, quando eu tinha 11 anos e ele 12, meteu-se numa enrascada porque jogou algo em outro aluno durante a aula e, como punição, teve de copiar as lições dezenas de vezes durante o fim de semana. A última coisa que queríamos era ficar em casa o dia todo. Por isso, me enfiar no quarto dele e o ajudei a fazer metade da tarefa. Terminamos rapidamente. Mas, na semana seguinte, minha mãe foi chamada à escola. Tinham reconhecido minha letra. A encenação sobrou para nós dois.

No ano seguinte, soube que não éramos irmãos. Com 16 anos, nos apaixonamos e meu pai aprovou.

“Não é muito fácil sair e arranjar namoradas e namorados no Irã”, disse ele. “Por isso, se sentem amor um pelo outro, não há problema algum. Vocês não são irmãos de sangue.”

Em 1998 nos casamos. Aquele foi o dia mais feliz da minha vida. Usei um

vestido branco, e o melhor era que todos estavam muito contentes. Ainda posso ver o sorriso dos meus pais e da minha irmã.

Mas o ano da nossa lua de mel azedou. Em julho de 1999, estudávamos na Universidade de Teerã. Eu cursava Artes Plásticas e Siavash, Literatura. Quando o governo decidiu fechar um jornal reformista, os estudantes da universidade fizeram uma manifestação. Como retaliação, integrantes do Basij, a famosa força paramilitar do Irã, invadiram os dormitórios, incendiaram alguns quartos e jogaram alunos pela janela. Em 14 de julho, estudantes de toda parte se uniram em manifestações maiores.

Siavash e eu sabíamos que, indo à manifestação, estávamos participando de uma atividade contra o governo, cuja punição poderia ser prisão e tortura. Assim mesmo, fomos. As ruas fervilhavam com milhares de pessoas alegres, dançando e cantando. A febre era causada em parte pelo medo, em parte pela empolgação. Queríamos acreditar que nossos protestos mudariam o país.

De repente, fui derrubada. Eu e Siavash fomos imobilizados, surrados com varas e pelas mãos nuas dos Basij. Comecei a sufocar com o gás lacrimogêneo e o de pimenta. Depois, fomos presos e ficamos separados na cadeia durante os seis meses seguintes.

Algemada e vendada, me interrogaram várias vezes sobre o meu papel na manifestação: Por que estava lá?



Em Vancouver, em junho de 2009, Azita e Siavash participam de um protesto contra o governo atual do Irã.

Quem era o líder? Quem mais pertencia à minha organização? E por que usava uma cruz?

Fui encostada numa parede e os guardas me chutaram muitas vezes. Hoje, por causa de todas as agressões ao meu joelho feitas pelos guardas da prisão no Irã e, mais tarde, pela patrulha de fronteira da Grécia, não consigo andar muito.

Disse a eles que não pertencia a nenhum grupo. Disse que não sabia o significado do colar, só que o achava bonito. Mas a verdade era um pouco mais complicada: meu avô paterno era cristão. Ele se convertera havia muitos anos, antes de eu nascer. Mas, depois que o xá foi derrubado em 1979, os convertidos ao cristianismo

foram considerados criminosos. Mantivemos as nossas crenças em segredo, rezando em capelas improvisadas no porão da casa dos paroquianos.

Durante os seis meses passados antes de ser libertada, fiquei sem saber se Siavash estava vivo ou morto. Ele me disse que também fora espancado. Ao sermos presos, ele estava com uma Bíblia e teve de inventar uma história bem depressa. Disse aos interrogadores da prisão que, durante os protestos, alguém lhe entregara a Bíblia. Os interrogadores queriam que confessasse que conspirava com outros estudantes para derrubar o governo; exigiam que revelasse o nome dos outros. Quando se recusou, ameaçaram me estuprar se ele não cooperasse. Siavash ouviu

gritos vindos de outra sala. Achou que fosse eu. Não era, mas era alguém.

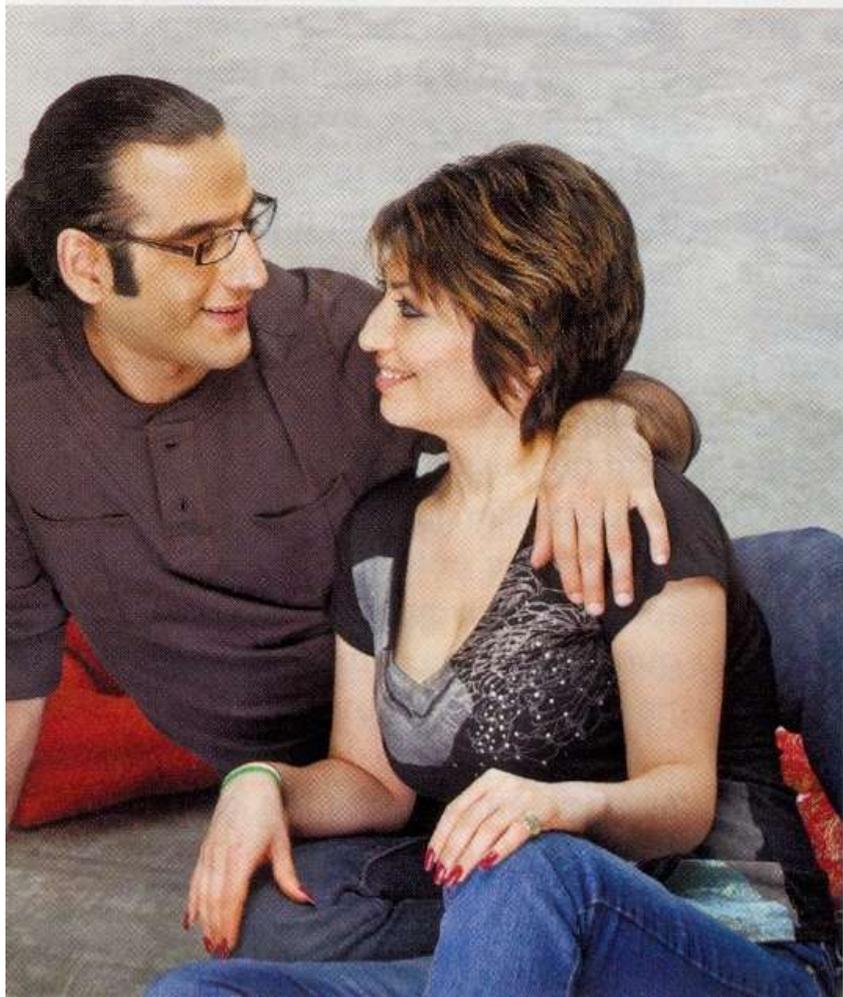
O documento que assinamos ao sermos soltos da prisão dizia que, embora tivéssemos insistido que não éramos cristãos, se provassem que tínhamos mentido seríamos mortos. Também tivemos de prometer nunca mais participar de atividades contra o governo. Se fôssemos pegos, morreríamos.

Eu e Siavash não pudemos voltar à faculdade. Nossa família perdera tudo – emprego, casa, liberdade religiosa e, agora, instrução –, mas acreditávamos em defender a nossa liberdade a todo custo. Em fevereiro de 2000, alguns meses depois das manifestações estudantis, meu pai organizou um protesto no aniversário da chamada revolução iraniana de 1979. Dessa vez, filmei. Os policiais à paisana me agarraram e tentaram me jogar no chão, como os Basij

havam feito. Mas outros manifestantes se juntaram em volta e, de repente, me vi livre e fugindo com Siavash. Sabíamos que a polícia iria à nossa casa e seguimos para a rodoviária. Pegamos o primeiro ônibus: para Arak, cidade do oeste do Irã. Ficamos os seis anos seguintes escondidos, esperando encontrar um novo lar permanente onde pudéssemos ser livres. Sabíamos que nunca mais poderíamos voltar.

Quando fugimos para Arak em 2000, ficamos em contato com a minha família por meio de amigos, que inventaram códigos secretos para indicar onde estávamos. Minha família, por sua vez, mandava dinheiro por portadores para nos sustentar durante os anos que moramos lá. Passávamos semanas abrigados no apartamento de amigos da família. Só ousávamos sair à noite para comprar comida, e, às vezes, tivemos de comer ervas do mato.

Alguns anos depois, meus pais e minha irmã começaram o êxodo do Irã. Primeiro foram para o Paquistão, a leste. Chegaram à Grécia no fim de 2005 e mandaram a notícia de que agora era a nossa vez de ir para o Ocidente. Foi quando contrataram o contrabandista. O serviço dele era tirar refugiados do Irã. Eu e Siavash partimos em meados de 2006. Atravessamos as montanhas do Curdistão a pé, atrás do contrabandista. Em certo



momento, desmaiei de fadiga e fome. Siavash me levou nas costas. Atravessamos a Turquia e cruzamos a fronteira da Grécia. Foi ali, na floresta, que fomos capturados pela polícia. Estávamos perto, mas não o suficiente.

Passamos 24 horas presos antes de sermos mandados de volta à Turquia. Lá, ficamos quase um ano na cadeia. As celas estavam lotadas de gente desesperada e faminta como nós, refugiados da Moldávia, do Marrocos, da Somália e do Irã. As condições eram piores do que tudo o que vira em Teerã. O esgoto da prisão transbordava e os vasos sanitários vazavam, de modo que as celas ficavam cobertas com esgoto. Siavash era espancado regularmente. O nosso crime? Não ter documentos legítimos para entrar em qualquer país. Possuíamos passaportes, mas forjados pelo contrabandista. As autoridades da Turquia queriam nos devolver ao Irã, onde seríamos executados.

Siavash e eu talvez ainda estivéssemos na prisão turca, ou até mortos, se alguns iranianos que moravam no Ocidente não tivessem sabido do nosso martírio. Reza Pardisan, em Londres, e Nazanin Afshin-Jam, em Vancouver, levaram o nosso caso ao Alto Comissariado para Refugiados das Nações Unidas. Fomos libertados

da prisão em 2007. Reza ajudou a pagar um pequeno apartamento na Turquia até que as Nações Unidas encontrassem um país disposto a nos aceitar. Esperamos dois anos, e eu orava toda noite para que fosse a Grécia, a fim de que pudesse me unir à minha família. Mas foi o Canadá que nos aceitou, em 2009. Nenhum outro país nos quis.

Hoje moramos em Vancouver, não muito longe de Nazanin. Estudamos inglês numa faculdade local. Eu e Siavash estamos juntos e em segurança. Frequentamos uma igreja de verdade e não o porão de alguém. Não tememos ser cristãos nem falar contra o governo iraniano.

Toda semana converso com meu pai, minha irmã e minha mãe, que ainda moram em Atenas. Fico de coração partido por estarmos separados. A minha meta é nos unir, seja em solo canadense, seja em Atenas. Mas, enquanto não aprendemos inglês nem arranjamos emprego, não temos dinheiro para visitas nem mudanças.

Não se passa um dia sem que eu me lembre da floresta no nordeste da Grécia. Estávamos tão perto...

À noite, quando fecho os olhos antes de dormir, imagino meu pai andando de um lado para outro na cozinha, em Atenas, minha mãe olhando o relógio na parede e minha irmã pedindo a Deus para que logo estejamos juntos...

NO PILOTO AUTOMÁTICO

Uma mulher desculpou-se com a atendente de um spa por estar atrasada, pois não encontrava a rua. Depois da explicação, a primeira pergunta da atendente foi: "Já estive aqui antes?"

Ed Swartzack, Canadá